

# Calote, juros e crédito em alta

A taxa de inadimplência das famílias chegou a 7,5% em agosto, a mais elevada desde dezembro de 2006 (7,6%). O cheque especial (9%) e a compra de bens financiados (13,8%) tiveram as taxas mais altas. Para a compra de carros, a inadimplência está em 3,7% e para o crédito pessoal, em 5,3%. Os dados são do Banco Central, que considera como inadimplência atrasos superiores a 90 dias.

Para o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, o crescimento da taxa de inadimplência reflete o aumento do custo do crédito. "A taxa de captação subiu e o custo final ao tomador subiu. Isso leva a um certo aumento na inadimplência, o que não é nada preocupante", disse Lopes. "A taxa de inadimplência do cheque especial sempre foi alta, assim como aquisição de bens", acrescentou.

O aumento dos juros foi o principal reflexo da crise finan-

ceira no mercado brasileiro, em virtude da dificuldade de captar dinheiro. Em setembro os dados preliminares indicam manutenção da trajetória de alta. De agosto até o dia 15 de setembro, a taxa média de juro passou de 40,1% para 40,4% ao ano. Para as empresas, a taxa anualizada subiu de 28,3% para 28,4%. As famílias pagam juros de 52,8% ao ano, contra os 52,1% registrados em agosto.

A diferença entre taxa de captação e aplicação, chamada de spread, subiu, em média, de 26,2 pontos percentuais para 26,4 pontos percentuais. No caso das empresas, o spread passou de 14,9 pontos percentuais para 14,8 e para as famílias, o aumento foi de 37,6 pontos percentuais para 38,3.

## ■ Crédito

Porém, mesmo com o dinheiro *mais caro*, o brasileiro continua recorrendo a empréstimos. O crédito continua em expansão no Brasil no mês de

setembro, mas com recursos captados no mercado interno. De acordo com dados do Banco Central, neste mês até o último dia 15, o crédito referencial (operações consideradas para o cálculo das taxas médias de juros) cresceu 2,6%, na comparação com os primeiros 11 dias úteis do mês de agosto. A expansão, entretanto, ocorre em ritmo mais lento. De acordo com o BC, a participação dos recursos captados no mercado interno cresceu 2,8% em reais, na comparação entre os 11 dias úteis de setembro com o mesmo período de agosto.

Lopes afirmou que mantém a projeção de que o crédito chegará a 40% do Produto Interno Bruto (PIB). Até agosto, o volume de crédito chegou a R\$ 1,1 trilhão, 38% do PIB. Em valores, houve redução no ritmo de crescimento do crédito no País. Em 12 meses fechados em janeiro, o crescimento era de 28%. Atingiu 33,5% em junho, caindo para 31,8% em agosto.

